

Os animais do novo mundo figurados na “Arca de Noé sobre o Monte Ararat” de Simon de Myle (1570): um estudo das fontes iconográficas

Dante Martins Teixeira¹

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Museu Nacional (MN). Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1768-3376>. E-mail: dmteixeira@mn.ufrj.br

Resumo. Ativo no terceiro quartel do século XVI, Simon de Myle constitui um verdadeiro enigma, pois sua vida e carreira permanecem totalmente desconhecidas até os dias de hoje. A “Arca de Noé sobre o Monte Ararat” é seu único quadro assinado e datado (“*Simone de Myle inventor et fecit 1570*”), figurando o desembarque dos animais após o dilúvio. Levando em conta mesmo as representações demasiado precárias, essa composição inclui nada menos de 228 monstros, voláteis e quadrúpedes, isso sem considerar as carcaças e as espécies aquáticas deixadas para trás com o recuo das águas. Entre as fontes iconográficas utilizadas destacam-se vários tomos da “*Historia Animalium*” de Conrad Gesner, além da “*Warachtighe Fabulen der Dieren*” de Marcus Gheeraerts. Ao contrário de outras pinturas quinhentistas acerca do mesmo tema, essa “Arca de Noé” retrata um número inesperado de animais do Novo Mundo, elenco composto por dois mamíferos, pelo menos três aves e dois “seres prodigiosos”. Nesse particular, o quadro de Simon de Myle inadvertidamente evoca as dúvidas sobre a verossimilhança da passagem bíblica relativa à Arca de Noé, reflexo da descoberta de um número cada vez maior de espécies zoológicas em terras distantes. Colocada já em 1502 por Amerigo Vespucci, essa questão atravessaria os séculos XVI e XVII, levando autores como Joseph de Acosta (1590) e Athanasius Kircher (1675) a buscar uma improvável conciliação entre a realidade factual observada no outro lado do oceano e a verdade revelada contida no livro do Gênesis.

Palavras-Chave. Simon de Myle; Arca de Noé; Pintura; Século XVII; Animais nas Artes; América; História da Zoogeografia; Amerigo Vespucci; Joseph de Acosta; Athanasius Kircher.

Abstract. *New World animals depicted in the “Noah’s Ark on Mount Ararat” by Simon de Myle (1570): a study of iconographic sources.* Active in the third quarter of the 16th century, Simon de Myle is really enigmatic, as his life and career remain completely unknown up to day. The “Noah’s Ark on Mount Ararat” is his only painting signed and dated (“*Simone de Myle inventor et fecit 1570*”), and figures the animals disembark after the deluge. Considering even the very poor representations, this picture encompasses not less than 228 monsters, birds, and quadrupeds, without considering the corpses, and aquatic animals left behind by the water reflux. Noticeable iconographic sources include several books of the “*Historia Animalium*” by Conrad Gesner, and also the “*Warachtighe Fabulen der Dieren*” by Marcus Gheeraerts. Unlike other 16th century paintings about the same topic, the “Noah’s Ark on Mount Ararat” represents an unexpected core of New World animals composed by two mammals, two “prodigious beasts”, and at least three birds. Inadvertently, Simon de Myle evokes the doubts that existed at this time about Noah’s Ark not being able to house the multitude of zoological species discovered overseas, particularly in the Americas. Mentioned since 1502 by Amerigo Vespucci, this question would be perpetuated throughout the 16th and 17th centuries, leading authors such as Joseph de Acosta (1590) and Athanasius Kircher (1675) to seek a improbable reconciliation between the factual reality observed on the other side of the ocean and the revealed truth exposed in the book of Genesis.

Keywords. Simon de Myle; Noah’s Ark; Painting; 17th century; Animals in Art; America; History of Zoogeography; Amerigo Vespucci; Joseph de Acosta; Athanasius Kircher.

INTRODUÇÃO

Ativo no terceiro quartel do século XVI, Simon de Myle constitui um verdadeiro enigma,

pois sua vida e carreira permanecem totalmente desconhecidas até os dias de hoje. Talvez tenha pertencido à família Van der Mijl do sul da Holanda, havendo notícias sobre um certo Heijrnrik Claasz

Arq. Zool., 53(2): 11-31, 2022
<http://doi.org/10.11606/2176-7793/2022.53.02>
<http://www.revistas.usp.br/azmz>

ISSN On-Line: 2176-7793
ISSN Printed: 0066-7870
ISNI: 0000-0004-0384-1825

Edited by: Maria Isabel Pinto Ferreira Landim
Received: 09/02/2021
Accepted: 15/09/2021
Published: 01/06/2022



van der Mijl, proprietário de uma manufatura estabelecida nos arredores de Dordrecht pelo menos desde o segundo quartel do século XV¹. Apesar de faltarem alusões específicas a um “Simon de Myle”, existiriam breves referências sobre pintores com esse sobrenome atuando no antigo ducado de Brabante².

Executada a óleo sobre um painel retangular com 114 × 142 cm, a “Arca de Noé sobre o Monte Ararat” está assinada e datada, ostentando a frase em latim “*Simone de Myle inventor et fecit 1570*” (“Simon de Myle concebeu e executou [em] 1570”) inscrita na borda da rampa de desembarque (Fig. 1). Dos outros dois quadros por vezes imputados a Simon de Myle, o “Cristo ante seus Juizes” é de 1567 e não possui assinatura, enquanto na “Criação do Mundo” faltam quaisquer indicações de data ou autoria. Pouco se sabe sobre essas obras, malgrado a última seja atribuída com certa frequência a Johann Melchior Bocksberger, um artista austríaco do século XVI que parece ter se aproveitado de pelo menos uma das fontes iconográficas também utilizada na composição da “Arca de Noé” (vide adiante)³.

Em 23 de junho de 2011, após permanecer por mais de meio século em uma coleção privada do sudoeste da França, a “Arca de Noé” tornar-se-ia o trigésimo lote do leilão de “Tableaux Anciens et du XIX^e siècle” levado a cabo pela filial parisiense da Sotheby’s, sendo arrematada por pouco mais de um milhão de euros⁴. No dia 3 de outubro desse mesmo ano, participaria da exibição promovida pela Galeria De Jonckheere no Palazzo Corsini durante a “XXVII Biennale Internazionale dell’Antiquariato di Firenze”, o que parece ter sido sua última aparição pública⁵.

Conforme bem exemplifica a “Entrada dos Animais na Arca de Noé” de Jacopo Bassano (1570) e o quadro homônimo de Jan Brueghel “o Velho” (1613), essa passagem do Velho Testamento inspirou diversos artistas dos séculos XVI e XVII. Entretanto, composições dispostas a retratar o mundo logo após o dilúvio são menos comuns e costumam mostrar paisagens desoladas como aquela observada na pintura de Simon de Myle, uma terra erma com árvores desfolhadas onde os utensílios e detritos da vazante misturam-se com peixes mortos, conchas de moluscos, carcaças de animais e até mesmo corpos humanos, os quais servem de pasto para os carnívoros e monstros salvos da ira divina. Semelhante concepção não é nova e encontra-se reproduzida de forma bem mais enfática, por exemplo, no afresco da igreja de San Maurizio, Milão, executado por

Aurelio Luini (ca. 1555). Tampouco a arca de proa e popa arredondadas figurada por Simon de Myle difere substancialmente de outras representações encontradas no período, caso tanto do já mencionado afresco de Aurelio Luini quanto da gravura pertencente à “*Cosmographie Universelle*” de François de Belleforest (1575)⁶.

Conforme seria de esperar, os animais são o motivo principal dessa pintura e chamam a atenção pela quantidade e variedade. Contudo, se excetuarmos os peixes mortos, as conchas vazias de moluscos, uma estrela-do-mar presa ao casco e uma solitária tartaruga – todos oriundos do recuo das águas – apenas uns tantos seres mitológicos, aves e certos quadrúpedes – prodigiosos ou não – teriam escapado do dilúvio, estando dispostos em uma atrativa multidão. O conjunto forma um colorido mosaico repleto de pormenores que despertam interesse e muito contribuem para valorizar a obra, recurso corrente da escola flamenga.

Grosso modo, os quadrúpedes estão melhor representados e ocupam uma posição de relevo em primeiro plano. Embora alguns casais deixem ordenadamente a arca descendo lado a lado por uma rampa – imagem que se ajusta ao cenário mais propalado do texto bíblico⁷ – essa precisão nem sempre foi respeitada, conforme demonstra o fato de haver três gatos e só um dromedário, porco-espinho, castor, esquilo, leopardo etc. Ao todo, a “Arca de Noé” de Simon de Myle incluiria 50 quadrúpedes distintos, conjunto formado inclusive por elefantes, rinocerontes, cervos e girafas, bem como quatro raças de cães e outras espécies domésticas. Também estão presentes carnívoros como leões, ursos, lobos e raposas, ademais de primatas, suínos, roedores etc.

Apesar de numerosas, as aves desempenham um papel relativamente discreto e mostram-se amiúde bastante difíceis de identificar graças à ausência de detalhes, ao tamanho reduzido e à escolha arbitrária do colorido da plumagem, isso sem contarmos as copiosas revoadas de meras silhuetas. Os exemplares solitários são a grande maioria, apesar de haver tanto um galo e uma galinha quanto pares de avestruzes, garças, cisnes, pavões, patos, pegas etc. Além de pelo menos 119 esboços com pouca ou nenhuma definição, essa pintura abrigaria 56 aves diferentes, elenco que compreende espécies como o abibe, o falcão, a coruja, a abetarda, a águia, o faisão, o peru e o pato-do-mato, afora psitácidas, maçaricos, vários pássaros etc. Levando em conta mesmo as representações demasiado precárias, Simon de Myle teria ilustrado 228 voláteis, quadrúpedes e seres mitológicos ou “prodigiosos” (vide adiante), isso sem considerar os animais mortos ou deixados para trás com o final do dilúvio.

¹ O artista assinou “Simone de Myle”, sobrenome que também pode ser grafado como “Mijll”, “Mijle”, “Mijlen”, “Meijl”, “Meyl”, “Meyle”, “Myle” e “Myl”. Para outras informações, vide Noppen (2002) e Sotheby’s (2011).

² Segundo Ehrmann (1972).

³ Esse óleo sobre madeira de 131 × 121 cm encontra-se depositado no Musée des Beaux-Arts de Estrasburgo (MNR 366), havendo duas outras versões pertencentes ao Musée Calvet de Avignon e ao Musée Royal de Beaux-Arts de Antuérpia. Ehrmann (1972) não vacila em atribuir o exemplar de Estrasburgo a Simon de Myle, destacando o “mesmo estilo e as mesmas cores”, enquanto Jacquot *et al.* (2009) apontam Bocksberger como o autor, opinião predominante nos dias de hoje.

⁴ Sotheby’s (2011).

⁵ Segundo os registros disponíveis (Sotheby’s, 2011), esse quadro teria sido exibido em quatro mostras realizadas na França entre 1950 e 2010, a saber: “Natures mortes françaises du XVIII^e siècle à nos jours” (Paris, Galerie Charpentier, 1951), “Cent tableaux d’art religieux” (Paris, Galerie Charpentier, 1953), “Les plus belles peintures des collections du Tarn, XV^e au XVI^e siècle” (Castres, Musée Goya, 1956) e “Des Primitifs à Degas: trésors d’une collection privée” (Musée des Beaux-Arts de Gaillac, 2006).

⁶ Publicada em dois volumes, trata-se da versão francesa da “*Cosmographia Universalis*” de Sebastian Münster (1552), com texto de François Belleforest e toda uma série de novas xilogravuras.

⁷ Conforme destacam Papavero *et al.* (1995a), desde meados do século XVIII sabia-se que os cinco primeiros livros do Velho Testamento – o “Pentateuco” – constituíam uma intrincada colagem de fontes mais antigas, detalhe capaz de explicar as várias repetições, contradições e incoerências cronológicas observadas. Os dois documentos principais compreenderiam um relato de cunho popular e folclórico – denominado de “javista” – bem como um texto mais erudito e ordenado chamado de “sacerdotal”. Segundo esse último, Noé teria embarcado na arca um macho e uma fêmea de cada animal (Genesis 6: 19-20), enquanto o primeiro fala de sete casais de animais “puros” e apenas um das espécies “impuras” (Genesis 7: 2-3). A versão sacerdotal, entretanto, terminaria por se impor entre os leigos, tornando-se dominante até os dias de hoje.



Figura 1. A "Arca de Noé sobre o Monte Ararat" de Simon de Myle (1570). Coleção privada.

AS FONTES ICONOGRÁFICAS UTILIZADAS

Tal como ocorre nos quadros de vários outros artistas dos séculos XVI e XVII, parcela considerável dos animais retratados na “Arca de Noé” foi baseada nas ilustrações de Conrad Gesner (1516-1565), o grande enciclopedista suíço que dispensa maiores comentários (Fig. 2)⁸. Embora nenhum de seus trabalhos relativos à zoologia anteriores a 1570 possa ser de fato descartado, sem dúvida alguma Simon de Myle teria consultado a segunda edição tanto das “*Icones Animalium Quadrupedum*” quanto das “*Icones Avium*” (Gesner, 1560a, 1560b), conforme atesta a presença da “*lonza*”, do “*canis getulus*” e do “*haematopus*”, espécies ausentes dos volumes anteriores⁹ (Fig. 3). Conquanto pareça bastante improvável, tampouco é possível definir se certos detalhes da “Arca de Noé” realmente espelham uma figura da “*Historia Animalium*” ou refletem um original mais antigo copiado por Gesner, caso inclusive do célebre rinoceronte de Dom Manuel representado por Albrecht Dürer em 1515 e do “*strepsicheros*” pertencente às “*Observations de plusieurs singularitez et chose memorables*” (1553), de Pierre Belon (Fig. 4)¹⁰.

Entre as demais referências empregadas, destacam-se alguns livros de cunho moral associados a animais, tipo de publicação muito popular no período. A mais significativa seria a famosa “*Warachtighe Fabulen der Dieren*” (1567), de Marcus Gheeraerts (Fig. 5)¹¹, uma relação bem marcada que não está isenta de algumas surpresas. Na visão de determinados autores¹², por exemplo, um dos elefantes observados na “Arca de Noé” estaria calcado na prancha situada na página 90 dessa obra, assertiva algo desconcertante em vista de o segundo paquíderme não encontrar paralelo com nenhuma das outras imagens ali existentes. Na verdade, tanto Gheeraerts quanto Simon de Myle poderiam ter se inspirado na estampa sobre a batalha de Zama¹³ gravada por Cornelis Cort e publicada por Antonio Lafreri em 1567. Esta, por seu turno, é uma das várias composições quinhentistas fundamentadas – em última instância – nos estudos de Raffaello de Sanzio sobre “Hano”, o elefante oferecido por

Dom Manuel, rei de Portugal, ao papa Leão X no ano de 1514¹⁴ (Fig. 6).

Por vezes, os modelos selecionados para compor os pares de alguns animais possuem origem distinta, tornando a análise da “Arca de Noé” ainda mais complexa. Com efeito, o leão devorando um cavalo provém da “*Warachtighe Fabulen der Dieren*”, enquanto a leoa ao seu lado – em imponente postura heráldica¹⁵ – assemelha-se à “*panthere*” das “*Decades de la Description, Forme et Vertu Naturelle des Animaux*” de Barthélemy Aneau (1549). O galo também provém de uma prancha de Marcus Gheeraerts, mas a fêmea da espécie copia a “*gallina*” de Conrad Gesner (Fig. 7). Algo parecido ocorreria até mesmo em relação às carcaças e seres aquáticos deixados para trás pelo recuo das águas do dilúvio, pois os despojos de uma cabra e uma solitária tartaruga viriam da “*Warachtighe Fabulen der Dieren*” (Fig. 5), ao passo que a estrela-do-mar segura no casco da arca talvez esteja fundamentada em uma das “*stellis marinis*” de Gesner. Semelhante diversidade leva a crer que futuros exames possam revelar a participação de outras fontes insuspeitadas até o momento.

OS ANIMAIS DO NOVO MUNDO RETRATADOS

Grosso modo, a descoberta da América parece ter exercido escassa influência sobre as pinturas dedicadas à Arca de Noé, sendo pouco comuns as representações de animais oriundos das terras encontradas no outro lado do oceano. Com efeito, as obras dos séculos XVI e XVII privilegiariam sobretudo a fauna conhecida pelo Ocidente Cristão desde a Antiguidade, com a maior ou menor adição de elementos exóticos da África e Ásia trazidos pelas grandes navegações – caso do rinoceronte-indiano e de certas aves-do-paraíso. Nesse particular, Simon de Myle foge do padrão ao incluir um número inesperado de espécies do Novo Mundo em sua “Arca de Noé”, elenco formado por dois mamíferos, pelo menos três aves e dois “seres prodigiosos” que têm motivado várias discussões (Fig. 8).

Das aves

Na paisagem de fundo ao lado esquerdo do quadro, nosso misterioso artista retrataria um peru, *Meleagris gallopavo* Linnaeus, 1758, com o colorido brancacento de um exemplar doméstico, cauda aberta em leque e asas descaídas – característica postura agonística assumida pelos machos. Malgrado seja muito pequena para permitir maiores comentários, essa imagem difere bastante do “*gallopavo*” de Gesner (1555a), guardando semelhança bem maior com a gravura observada na página 190

⁸ Rikken (2016), Smith (2018a) e Teixeira (2002).

⁹ Antes de 1570, viriam à luz os primeiros três livros da “*Historia Animalium*” dedicados aos “quadrúpedes vivíparos”, “quadrúpedes ovíparos” e “aves” (Gesner, 1551, 1554, 1555a), bem como a primeira e segunda edições do volume sobre os “peixes e animais aquáticos” (Gesner, 1556, 1558). Nesse mesmo período, tanto as “*Icones*” referente aos “quadrúpedes vivíparos e ovíparos” quanto a coletânea acerca das “aves” seriam publicadas duas vezes (Gesner, 1553, 1555b, 1560a, 1560b), enquanto a dos “peixes e animais aquáticos” apenas uma (Gesner, 1560c). As segundas edições das “*Icones*” revelam-se mais abrangentes por incorporar todas as gravuras dos tomos precedentes acrescidas de várias adendas. Sobre a complexa origem dessas ilustrações, vide Kusakawa (2010) e Egmond & Vorderbermeier (2018).

¹⁰ Para outros detalhes sobre as antigas representações de rinocerontes e certos aspectos da obra de Pierre Belon, consulte-se Clarke (1986), Costa (1937), Rookmaaker (1973, 1998) e Teixeira & Papavero (2014).

¹¹ Ilustrada por Marcus Gheeraerts, a “*Warachtighe Fabulen der Dieren*” seria uma adaptação holandesa das “*Fables du tresancien Esoppe*” publicada por Gilles Corrozet (1542). Tendo alcançado grande sucesso, a versão de Gheeraerts seria traduzida e copiada em numerosas oportunidades. Para maiores detalhes, vide Chambon (2016), Germ (2017), Koppenol (2007) e Smith (2018b).

¹² Chambon (2016) e Smith (2018b).

¹³ Travada em outubro de 202 a.C., a batalha de Zama praticamente encerrou a Segunda Guerra Púnica. Apesar de contar com dezenas de elefantes de guerra, as tropas cartaginesas comandadas por Aníbal, o Barca, acabariam derrotadas pelo exército romano liderado por Cipião, “o Africano”.

¹⁴ Essa autoria tem sido posta em dúvida recentemente, havendo autores que atribuem o estudo em questão a Giulio Romano ou Giovanni da Udine (e.g. Lach, 1970). Para maiores detalhes, vide Bedini (1981, 1998).

¹⁵ Com a pata direita erguida e as demais no solo, essa leoa com fauce raivosa e língua protraída assume a postura chamada na heráldica de “*passant*”.

da “Warachtighe Fabulen der Dieren” (1567), de Marcus Gheeraerts (Fig. 8).

Conforme evidencia a “Entrada dos Animais na Arca de Noé” de Mixiel Coxcie (1559) e alguns trabalhos homônimos de Jacopo Bassano (1570, 1579), o peru talvez seja a ave do continente americano mais comum nas composições do século XVI. Domesticado na América Central entre 200 a.C. e 700 d.C., *Meleagris gallopavo* foi avistado pelos europeus durante a expedição de Pedro

Alonso Niño em 1499, sendo prontamente introduzido nos assentamentos no Caribe. Parece ter chegado à Espanha logo em seguida, apesar de a primeira referência concreta a seu respeito no Velho Mundo remontar a uma cédula datada de 28 de outubro de 1511, na qual Fernão de Aragão ordena a Miguel de Passamonte, primeiro oficial real e tesoureiro das Índias, que cada navio vindo da Terra Firme entregasse cinco casais de “pabos” aos responsáveis pela Casa de Contratação das



Figura 2. Detalhes da “Arca de Noé sobre o Monte Ararat” de Simon de Myle e algumas das ilustrações pertencentes à “*Historia Animalium*” e às “*Icones Animalium*” de Conrad Gesner (1551-1560).



Figura 3. Detalhes da “Arca de Noé sobre o Monte Ararat” de Simon de Myle e as ilustrações do “*haematopus*”, da “*lonza*” e do “*canis getulus*” encontradas nas segundas edições das “*Icones Avium*” e das “*Icones Animalium Quadrupedum*” de Conrad Gesner (1560).



Figura 4. Mamíferos retratados na “Arca de Noé” de Simon de Myle (centro) comparados com as gravuras do “*rhinoceros*” e do “*strepisicheros*” existentes nas obras de Conrad Gesner (esquerda) e nos originais de Albrecht Dürer e Pierre Belon (direita).

Índias em Sevilha, providência destinada a estimular sua disseminação¹⁶. Outros mais devem ter arribado ao longo dos anos, pois tornou-se conhecido na Itália em 1520, na Alemanha em 1530, na França em 1538 e na Inglaterra em 1541¹⁷. Talvez uma das primeiras imagens de *Meleagris gallopavo* seja aquela de um indivíduo com

a plumagem esbranquiçada – algo comum na iconografia quinhentista – representado no afresco executado por Giovanni da Udine para a chamada “Villa Madama”, arredores de Roma, entre 1520 e 1525 (Fig. 9)¹⁸.

O segundo representante da avifauna do Novo Mundo presente nessa tela é um pato-do-mato, *Cairina moschata* (Linnaeus, 1758), presente logo atrás de uma

¹⁶ Segundo López de Gómara (1552), a expedição de Pero Alonso Niño no litoral da Venezuela pagaria “quatro contos de vidro” por cada “gallipavo” oferecido pelos indígenas.

¹⁷ Para maiores informações sobre o assunto, vide Armas y Céspedes (1888), Crawford (1992), Disdier (1960), Eiche, (2004), Schorger (1966) e Tudela de la Orden (1993).

¹⁸ A julgar pela assertiva de Jean de Lery (1578), em meados do século XVI os indígenas do litoral brasileiro já possuíam “grande quantidade” de perus possivelmente trazidos pelos europeus.

das noras de Noé retratada em primeiro plano. Tomando como base a gravura da “*pica marina palmipede*” encontrada na página 768 da “*Historia Avium*” de Gesner (1555a)¹⁹, Simon de Myle ilustra um exemplar doméstico de plumagem alvinegra cujo colorido se mostra virtualmente idêntico àquele adotado no exemplar da obra em questão pertencente à biblioteca da Universidade de Estrasburgo (Fig. 8).

Apesar de faltarem provas arqueológicas conclusivas, existem fortes indícios do pato-do-mato ter sido domesticado em tempos pré-colombianos, tornando-se uma ave de terreiro bastante vulgar ao longo de um amplo espaço geográfico que se estendia desde o México e Caribe até o Paraguai e a bacia do Rio da Prata²⁰. Seu primeiro registro remontaria a uma carta de 30 de janeiro de 1494, na qual o médico Diego Alvarez Chanca informa não haver, entre os nativos da ilha de Guadalupe, qualquer ave doméstica exceto “uns patos, em sua maioria brancos como a neve e alguns deles negros, muito lindos, com cristas rasas, maiores que os de lá [da Europa] e menores que gansos”²¹. O próprio Colombo, em 1502, parece referir-se à esse anátida em Honduras, alusão secundária anos depois por Pietro Martire de Anghiera, López de Gómara e outros cronistas. O melhor relato, entretanto, pertence à “*Historia General y Natural de las Indias*”, onde Gonzalo Fernandez de Oviedo y Valdés afirma acharem-se nos arredores de Cartagena, Colômbia, “uns patos domésticos que os índios criam em casa [...] os quais são brancos e os machos, algo maiores que as fêmeas, têm em torno dos olhos e na base do bico umas verrugas muito vermelhas como coral”²².

Causa certa estranheza o fato de as primeiras notícias conhecidas do pato-do-mato em solo europeu não pertencerem a espanhóis ou portugueses, mas sim ao francês Pierre Belon e ao suíço Conrad Gesner. Publicadas em 1555, ambas referências falam de exemplares domésticos muito distintos entre si, estando reforçadas por duas breves descrições análogas publicadas quinze anos mais tarde pelo naturalista inglês John Caius sob o título de “*anate indica*” e “*anate turcica*”²³. A falta de maiores detalhes não impediria que certos autores – sem dúvida influenciados por nomes como “pato-da-guiné”, “pato-da-barbaria” e “pato-turco” – terminassem por defender a possibilidade de *Cairina moschata* ter chegado na Europa através da África Ocidental e Oriente Médio, enquanto outros advogam a ideia de seu ingresso na

Espanha e França a partir da América ainda na primeira metade do século XVI²⁴. No campo das artes plásticas, Simon de Myle pode estar entre os primeiros artistas a incluir o pato-do-mato em um quadro, pois representações desse anátida – embora presentes em determinadas iconografias zoológicas como os “Quatro Elementos” de Joris Hoefnagel (ca. 1575-1580)²⁵ – parecem só ter voltado a aparecer em pinturas alguns anos mais tarde, conforme exemplifica a “Morte de Orfeu” de Dirck de Quade van Ravesteyn, obra concluída entre 1589 e 1614 (Fig. 10).

Em um galho próximo a uma das noras de Noé encontra-se uma ave rabilonga de bico curvo e plumagem vermelha que foi relacionada por algumas fontes à extinta arara de Cuba, *Ara tricolor* Bechstein, 1811, assertiva das mais discutíveis²⁶. Com efeito, malgrado deixe a desejar em termos de precisão, a imagem em foco parece ter sido calcada no psitácida figurado na página 96 da “*Warachtighe Fabulen der Dieren*” de Marcus Gheeraerts (1567), o qual pode ser atribuído a qualquer representante de cauda comprida, inclusive ao mesmo periquito-de-coleira da África e Ásia, *Psittacula krameri* (Scopoli, 1769), visto amiúde nas telas dos séculos XV e XVI (Fig. 5). Sequer o colorido encarnado uniforme pode sustentar a eventual relação com uma arara, uma vez que psitácidas com tal aparência não constituem uma novidade na pintura renascentista, conforme atestam as composições de Vittore Carpaccio conhecidas como a “*Meditação sobre a Paixão*” (1480-1510), a “*Visitação*” (1502-1508) e o “*Batismo dos Selenitas*” (1507). Para alguns, o mestre italiano estaria representando o lóris-vermelho, *Chalcopsitta cardinalis* (Gray, 1849) do distante Indo-pacífico, ocorrência capaz de comprovar a considerável extensão do tráfico de animais exóticos promovida na época²⁷.

Na murada da embarcação, pousada ao lado do filho de Noé responsável por tanger os quadrúpedes para a rampa de desembarque, está uma ave que também parece ser um Psittaciforme de cauda longa. Pouco trabalhado e de tamanho reduzido, esse volátil lembra uma arara de plumagem variegada impossível de ser identificada. Existem longínquas semelhanças com a gravura do “*psittacus erythrocyaneum*” descrito na página 690 da “*Historia Avium*” (Gesner, 1555a), a qual está baseada na aquarela de uma arara-vermelha do Novo Mundo – provavelmente *Ara chloropterus* (Gray, 1859) – incluída em um dos dois álbuns de Felix Platter (ca. 1550-1560) da Universidade de Basileia²⁸ (Fig. 8). Talvez o colorido vermelho dos psitácidas de Simon de Myle apenas reflita

¹⁹ A mesma gravura voltaria a ser reproduzida sob a designação de “*anas indica*” na página 73 das duas edições das “*Icones Avium Omnium*” (Gesner, 1555b, 1560b).

²⁰ A história da domesticação de *Cairina moschata* parece ter despertado pouco interesse dos especialistas quando comparada a dos mamíferos neotropicais. Para alguns (e.g. Armas y Céspedes, 1888) tal processo teria ocorrido no Peru, enquanto outros (e.g. Donkin, 1989) sugerem o litoral da Venezuela, de onde esse Anatidae teria passado para o restante da América do Sul, América Central e Caribe. Vide também Angulo (1998), Clutton-Brock (2012), Latcham (1922), Lownie (1977) e Stahl (2008).

²¹ Conforme a carta que Diego Alvarez Chanca dirigiu ao Cabildo de Sevilha sobre os eventos observados durante a segunda viagem de Colombo (in Navarette, 1858).

²² Vide Colombo (1571), bem como Anghiera (1511), López de Gómara (1552) e Oviedo y Valdés (1851-1855).

²³ Vide Belon (1555), Caius (1570) e Gesner (1555a). Embora certos autores (e.g. Letard, 1950) afirmem que *Cairina moschata* teria sido introduzido na Inglaterra no reinado de Henrique VIII (1509-1547), não está claro se John Caius viu tais exemplares em seu país de origem ou durante uma visita à Itália (Donkin, 1989). Sobre a citação de Belon, vide Teixeira & Papavero (2014).

²⁴ Para maiores detalhes, vide Crawford (1990, 1992), Donkin (1989), Letard (1950).

²⁵ Nome conferido a uma extensa iconografia hoje pertencente à National Gallery of Art, Washington. Para maiores detalhes, vide Hendrix (1984).

²⁶ Publicada no catálogo referente ao leilão da “Arca de Noé” (Sotheby’s, 2011) essa afirmação ganharia destaque no vídeo promocional correspondente intitulado “Un expert, un oeuvre: Simon de Myle”, disponível em <https://www.dailymotion.com/video/xj6ewn>.

²⁷ Masetti (2016).

²⁸ Com a morte de Gesner em 1565, o médico e anatomista suíço Felix Platter herdaria parte de seu acervo, inclusive diversas ilustrações zoológicas que seriam posteriormente organizadas em quatro volumes hoje pertencentes às bibliotecas universitárias de Basileia e Amsterdam. Vários desses originais teriam baseado as gravuras dos livros de Gesner, conforme exemplifica o caso do “*psittacus erythrocyaneum*”. Para maiores detalhes, vide Egmond (2013), Egmond & Vorderbermeier (2018) e Kusukawa (2010).



Figura 5. Detalhes da “Arca de Noé sobre o Monte Ararat” de Simon de Myle e algumas das ilustrações de Marcus Gheeraerts pertencentes à “Warachtighe Fabulen der Dieren” (1567).

– de maneira bastante vaga – a crescente presença dos exuberantes psitácidas escarlates trazidos das Américas. Com efeito, aves desse tipo já podem ser vistas em pinturas do início do século XVI, caso do célebre díptico de

Lucas Cranach (ca. 1502), “o Velho”, intitulado “Retrato do Casal Cuspinian” (Fig. 11)²⁹.

²⁹ Sick (1984).



Figura 6. Da esquerda para a direita, de cima para baixo: elefantes retratados na “Arca de Noé” de Simon de Myle, na “Warachtighe Fabulen der Dieren” de Marcus Gheeraerts (1567), na gravura de Cornelis Cort (1567) e no estudo geralmente atribuído a Raffaello di Sanzio (sem data).

Dos mamíferos

Logo atrás da imponente leoa em primeiro plano, Simon de Myle acrescentaria um pequeno porquinho-da-índia, *Cavia porcellus* (Linnaeus, 1758), de pelagem pardacenta pouco definida, algo bem diverso do vistoso padrão atribuído a esses roedores do Novo Mundo em boa parte das telas quinhentistas e seiscentistas. Semelhante contraste pode sugerir que o artista teve como base uma versão em preto-e-branco da gravura do “*cuniculus indicis*” representada na página 63 das “*Icones Animalium Quadrupedum Viviparorum et Oviparorum*” (1553), de Gesner (Fig. 8)³⁰.

Domesticada pelo menos desde 700 a.C. pelos habitantes dos Andes, *Cavia porcellus* era largamente empregada como alimento, além de ser muitas vezes sacrificada em cerimônias destinadas a garantir colheitas, aplacar os deuses, dar graças e solicitar mercês. Na chegada dos europeus ao continente americano, esse

mamífero era um dos animais de criação mais comuns em um vasto território que se estendia do noroeste de Venezuela e Colômbia ao centro do Chile, Bolívia e norte da Argentina³¹. Há evidências de uma introdução levada a cabo nas ilhas do Caribe após 500 d.C., mas sua presença na América Central é duvidosa, embora o bacharel Martin Fernandez de Enciso registrasse – entre 1510 e 1512 – serem certos “coelhos” numerosos ao ponto de procriar nas casas dos moradores das Pérolas, Panamá³².

Vistos sobretudo como exóticos xerimbabos, os porquinhos-da-índia chegariam na Europa em meados do século XVI³³, pois o próprio Conrad Gesner escreve, no ano de 1554, ter recebido dois exemplares vivos de Johann

³⁰ A mesma gravura voltaria a ser reproduzida sob a designação de “*cuniculo vel porcello indico*” na página 19 do apêndice acrescentado ao segundo livro da “*Historia Animalium*” dedicada aos “quadrúpedes ovíparos” (Gesner, 1554), reaparecendo como “*cuniculus indus*” na página 106 das “*Icones Animalium Quadrupedum Viviparorum et Oviparorum*” (Gesner, 1560a). Apesar de ter chegado a possuir exemplares vivos de *Cavia porcellus*, Gesner basearia a presente ilustração em uma pintura enviada por um “nobre francês” de Paris (Gesner, 1554). Vide também Kusukawa (2010).

³¹ A domesticação desse roedor é um assunto controverso, havendo autores que advogam datas muito recuadas capazes de chegar a mais de cinco mil anos. Para maiores detalhes, vide Cabrera (1953), Clutton-Brock (1981), Johns (2017), Latham (1922), Morales (1995), Muñoz (1970), Ramírez-Chaves *et al.* (2011), Reitz & Wing (1999), Rofes (2002), Schmidt (1929), Stahl (2008), Weir (1974), Wing (1977) e Yamamoto (2015).

³² Enciso (1519), Kimura *et al.* (2016).

³³ Para certos autores, o porquinho-da-índia teria sido introduzido na Europa logo após a conquista do Peru em 1532 (Clutton-Brock 2012; Grigson, 2016; Müller-Haye, 1984). Parece ter se tornado um dispendioso animal de estimação, mas existem algumas poucas notícias de seu consumo, pois Gesner considera tais roedores bons de comer, tendo a carne “gorda como bacon” (Gesner, 1554). Escrito por volta de 1563 pelo francês Olivier de Serres, o “*Théâtre d’Agriculture et Mésnage des Champs*” chega mesmo a sugerir maneiras de melhor preparar esses “*connis des Indes*” que eram trazidos do Brasil e criados inclusive para a alimentação (Delanay, 1962; Pigière *et al.*, 2012; Serres, 1600).



Figura 7. Detalhes da “Arca de Noé sobre o Monte Ararat” de Simon de Myle comparados com ilustrações de Barthélemy Aneau (1549), Conrad Gesner (1555) e Marcus Gheeraerts (1567).



Figura 8. Detalhes da “Arca de Noé sobre o Monte Ararat” de Simon de Myle e ilustrações de animais do Novo Mundo pertencentes às publicações de Conrad Gesner (1551-1560) e Marcus Gheeraerts (1567).

Heinrich Munzinger, o douto médico dos Fugger – os mais abastados mercadores e banqueiros de sua época³⁴.

³⁴ Vide Gesner (1554), bem como os comentários de autores como Kusukawa (2010) e Lambert (2015). Já em 1505, os Fugger perceberiam o inegável potencial oferecido pelos animais exóticos e seus despojos, no que seriam de pronto acompanhados pelos Welser – outra poderosa família de negociantes alemães. Pelo menos até 1521, seus representantes em Lisboa remeteriam para a sede da empresa em Augsburg diversos tipos de ungulados, felinos, macacos, pavões, papagaios, periquitos etc. Ao lado de vultosas partidas de penas de pavão, esse comércio também contemplava as peles de leopardos, tigres e leões – todos muito apreciados na confecção de vestimentas e adornos de luxo – além de artigos como chifres de rinocerontes, pérolas, almíscar e marfim. Entre 1520 e 1530, a rota do florescente tráfico promovido pelos

Ossos de um exemplar, datados de 1574-1575, foram descobertos em Essex, Inglaterra, durante escavações providas em Hill Hall – mansão senhorial pertencente Sir Thomas Smith – enquanto outros restos do final do sécu-

Fugger seria deslocada para Antuérpia, cidade que terminaria por constituir a porta de entrada das importações promovidas pela companhia. Sediados em um grande parque provido de jaulas e outras facilidades, os funcionários podiam receber um grande número de animais vindos em navios procedentes de Portugal, Espanha ou Itália e redistribuí-los aos ricos compradores de toda a Europa, aproveitando-se do transporte fluvial oferecido pelo Reno (Gorgas, 1997; Gorgas & Schweinberger, 1986; Kellenbenz, 1990; Loisel, 1912; Meadow, 2002; Teixeira, 2011).

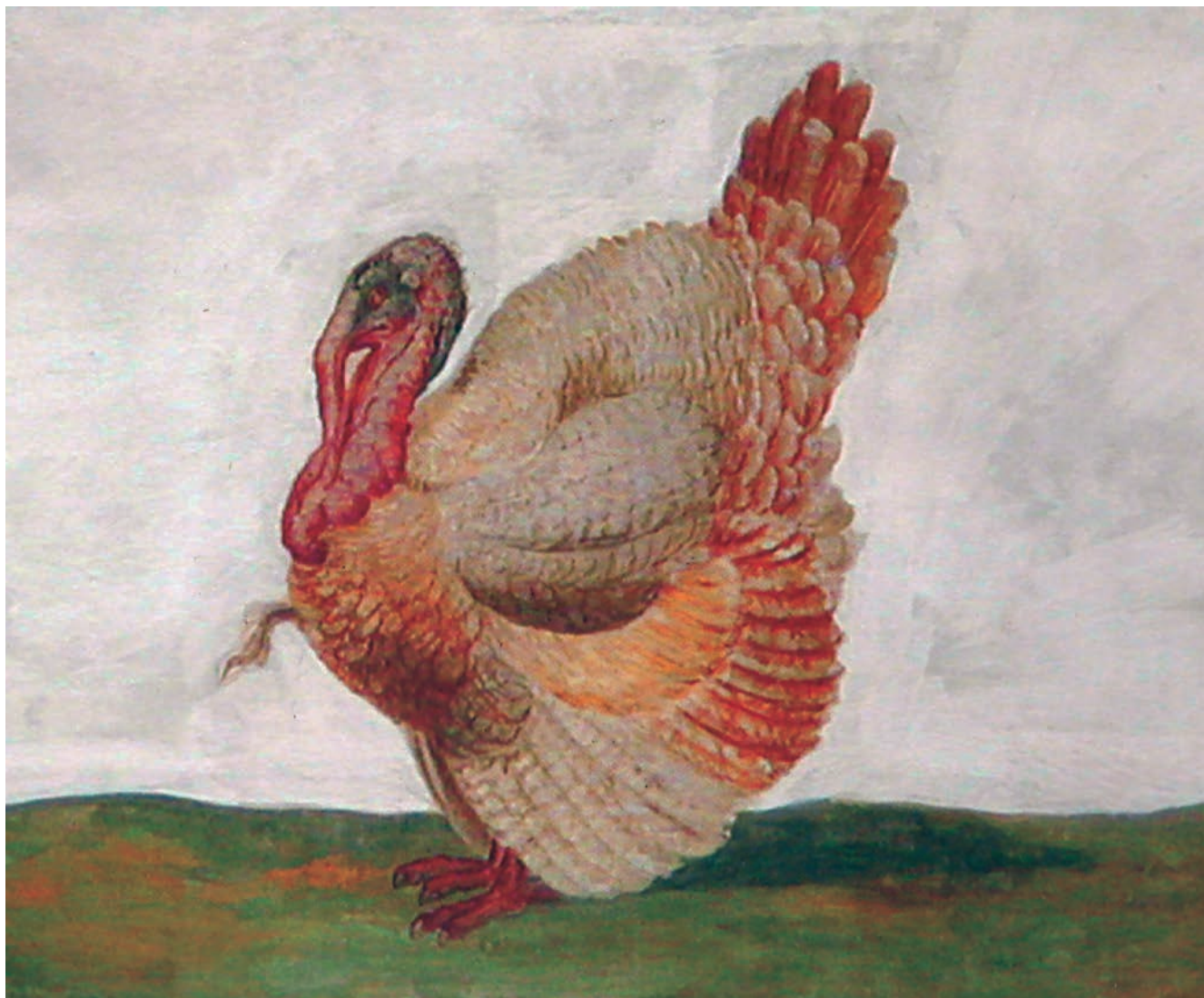


Figura 9. Peru (*Meleagris gallopavo*) segundo afresco de Giovanni da Udine (1520-1525). Villa Madama, Roma.

lo XVI ou começo do XVII seriam recuperados em um sítio arqueológico de Mons, Bélgica³⁵. A exemplo do observado para o pato-do-mato, a imagem de Simon de Myle pode ser uma das primeiras aparições de *Cavia porcellus* em um quadro, pois antecede em quase uma década aquela que é considerada por muitos como a pintura mais antiga desse roedor fora das iconografias relativa à História Natural – aqui exemplificadas pelos álbuns de Felix Platter (ca. 1550-1560) tombados na biblioteca da Universidade de Amsterdam e os “Quatro Elementos” de Joris Hoefnagel (ca. 1575-1580)³⁶. De autor desconhecido, esse retrato teria sido concluído por volta de 1580 e mostra três crianças vestidas ao estilo Elisabetano carregando nos braços um colorido porquinho-da-índia (Fig. 12). A espécie tornar-se-ia bem mais comum nas composições do século XVII, conforme atestam certas obras de Peter Paul Rubens e Jan Brueghel, “o Velho”.

Próximo à rampa de desembarque está um estranho quadrúpede de rostro achatado e orelhas pequenas

provido de um longo rabo sinuoso e anelado dos mais característicos. Assaz grosseira, esta parece ser uma versão nada acurada da gravura do “sagoin”, *Callithrix jacchus* (Linnaeus, 1758), existente na página 96 das “*Icones Animalium Quadrupedum Viviparorum et Oviparorum*” de Gesner (1560a), ilustração que se baseia na pintura homônima (ca. 1550-1560) pertencente ao supracitado acervo de Felix Platter (Fig. 8). Endêmico do nordeste do Brasil, esse primata apareceria na Europa já no primeiro quartel do século XVI, constando nos ornamentos preparados por Albrecht Dürer – entre 1512 e 1515 – para o “Arco do Triunfo” e o “Livro de Horas” do imperador Maximilian I, bem como em pinturas como o “Retrato do Cardeal Antonio Ciochi del Monte” (ca. 1526), de Sebastiano del Piombo (Fig. 13)³⁷.

Dos “seres prodigiosos”

Além de seres mitológicos tradicionais como dragões, grifos e unicórnios, Simon de Myle representaria dois es-

³⁵ Vide Hamilton-Dyer (2009) e Pigière *et al.* (2012), bem como Dijk & Silkens (2013) e O'Connor (2017).

³⁶ Vide nota 28. Vários desses originais teriam baseado as gravuras dos livros de Gesner, o que não ocorreria no caso da imagem de *Cavia porcellus*.

³⁷ Teixeira & Papavero (2010).



Figura 10. Patos-do-mato (*Cairina moschata*) representados na “Morte de Orfeu” de Dirck de Quade van Ravesteyn (ca. 1589-1614). Coleção privada.

tranhos quadrúpedes do Novo Mundo passíveis de serem encarados como “prodígios” no sentido Renascentista do termo. Colocado logo atrás do dromedário, o primeiro deles corresponde ao “su” estampado na página 109 *recto* das “Singularitez de la France Antartique” (1557), de André Thevet (Fig. 14). Tomando como base essa publicação, Gesner reproduziria a gravura do “su” na página 127 da segunda edição de suas “*Icones Animalium Quadrupedum*” de 1560 (Fig. 8), imagem que acabaria por ornamentar o frontispício na tradução alemã da “*Historia de Quadrupedibus Viviparis*” e na segunda tiragem latina dessa mesma obra, ambas póstumas (Gesner 1583, 1620). Por vezes com alterações, a ilustração em foco também marcaria presença nos trabalhos de diversos autores³⁸, bem como em mapas como o “Mappemonde” de Guillaume le Testu (1566), o dito “Planisfério” de Petrus Plancius (1592) e o “*Theatrum Orbis Terrarum*” de Joan Blaeu (1635). Apesar de os quatro filhotes observados nas pranchas de Thevet e Gesner desaparecerem na “Arca de Noé”, nenhum artista teria incluído semelhante bicharoco em uma pintura antes de Simon de Myle. No entanto, ele voltaria a aparecer em alguns poucos trabalhos posteriores como “Adão e Eva no Paraíso”, tela usualmente atribuída a um pintor flamengo desconhecido do século XVII (Fig. 15)³⁹.

³⁸ Por exemplo Cepeda (1682), De Bry (1630, 1634), Nieremberg (1635), Paré (1579), Schott (1662) e Topsell (1607).

³⁹ Esse óleo sobre tela com 90 × 113 cm seria leiloado pelo Dorotheum, Viena, em 17 de outubro de 2017 (lote 290). Alguns preferem atribuí-lo a Jacob Bouttats, pintor flamengo ativo no final do século XVII.

Em pleno século XVIII, os jesuítas Pedro Lozano e José Guevara retomariam o texto das “Singularitez”⁴⁰ ao falar do “su” em suas narrativas sobre a Argentina e Paraguai. No segundo volume da “*Cosmographie Universelle*”, porém, Thevet (1575) deslocaria a ocorrência desse “prodígio” – agora denominado “sucarath” – para a Flórida, fornecendo uma cópia da prancha original na página 1002 *recto*.

Identificado amiúde como um gambá, *Didelphis* sp., o “su” foi igualmente atribuído a mamíferos tão distintos quanto o tamanduá-bandeira, *Myrmecophaga trydactyla* Linnaeus, 1758, a onça-parda, *Puma concolor* (Linnaeus, 1771), a onça-pintada, *Panthera onca* (Linnaeus, 1758), um macaco amazônico, *Chiropotes* sp., e até mesmo a uma mistura de gambá e lontra, *Lontra provocax* (Thomas, 1908)⁴¹. Para culminar, o eminente paleontólogo argentino Florentino Ameghino chegaria a relacioná-lo a uma preguiça-gigante, *Neomylodon listai* Ameghino, 1898, a qual teria sobrevivido até os nossos dias na Patagônia, proposta inverossímil que continua assombrando a imaginação dos mais desavisados⁴². Malgrado não se possa descartar a possibilidade de constituir uma descrição

⁴⁰ Guevara (1882), Lozano (1745).

⁴¹ Entre outros, vide Cardoso (1915), Casamiquela (1975), Dickerson (1998), Eastman (1951a, 1951b), Mahiques (1988), Marshall (1981) e Williams (2013).

⁴² Vide Ameghino (1898), Ley (1941) e Wendt (1956). A disputa em torno dessa preguiça-gigante levaria a intermináveis discussões que se encontram bem resumidas em Martinic (1996) e Roland (2015). Apesar de todas as provas em contrário, sua existência na Patagônia continua a ser aventada por numerosas fontes (e.g. Eberhart, 2002).



Figura 11. O “Retrato de Anna Cuspinian” de Lucas Cranach, “o Velho” (ca. 1502). Coleção Oskar Reinhart, Winterthur.

muito truncada de algum mamífero sul-americano, o “su” ou “sucarath” aparenta ser mais um devaneio de Thevet, cujos escritos muitas vezes demonstrariam claro desapego pela verdade factual. Não deve causar surpresa, portanto, que tal avantesma esteja ausente de todas as outras fontes primárias sobre o Novo Mundo consultadas até o momento⁴³.

O segundo elemento a ser considerado envolve um casal de estranhos animais representado à esquerda de Noé e um dos seus filhos (Fig. 8). Ao contrário do caso anterior, esse “prodígio” corresponde a um ente nada imaginário, cuja tortuosa trajetória tem início com a aziaga viagem de Vicente Yáñez Pinzón ao Novo Mundo (1499-1500). Ao retornar para a Espanha, o navegador andaluz teria levado uma fêmea com filhotes do primeiro marsupial jamais visto por um europeu, possivelmente um *Didelphis* sp. A ninhada morreria na viagem e o adulto após a chegada em Sevilha, mas seus despojos seriam levados até Granada e apresentados aos Reis Católicos. Tendo despertado grande espanto pelas óbvias diferenças com os mamíferos placentários até então conhecidos, seria caracterizado por Pietro Martire de Anghiera como algo “monstruoso”, possuindo “focinho de raposa, cauda

de cercopiteco, orelhas de morcego [e] mãos humanas, imitando nos pés o macaco, que transporta seus filhos já nascidos, para onde quer que vá, em um útero externo a modo de uma grande bolsa”. Repetida em diversas oportunidades, essa descrição deve ser a base do famoso desenho da “Carta Marina” de Martin Waldseemüller (1516), detalhe elaborado a revelia dos exemplares trazidos por Pinzón⁴⁴ (Fig. 14).

Apesar de fictícia, a imagem de Waldseemüller ganharia mundo, principalmente após uma variante ter sido reproduzida na página 981 da “*Historia de Quadrupedibus Viviparis*” de Gesner (1551) sob o nome de “*simivulpa*” (i.e. “macaco-raposa”), termo desde então consagrado (Fig. 8). Embora esteja presente em diversos mapas, livros e gravuras, as representações em iconografias quinhentistas são muito escassas (e.g. os “Quatro Elementos” de Joris Hoefnagel, ca. 1575-1580). Na verdade, Simon de Myle parece ter sido um dos primeiros – ou mesmo o primeiro – a exibi-la em um quadro, mas

⁴³ Esse aspecto já foi destacado por Lay (2018). Denunciado no século XVI por Lery (1578), o caráter duvidoso de várias assertivas de Thevet tem sido mencionado em diversas análises contemporâneas (e.g. Dickerson, 1998; Hartman, 1952; Smith, 2007; Teixeira & Papavero, 2014).

⁴⁴ Os comentários de Anghiera sobre esse animal apareceriam primeiro no “Libretto de Tutta la Navigazione de Re de Spagna” de Angelo Trevisiano (1504), depois no “Paesi novamente ritrovati” de Fracanzano da Montalbodo (1507) e na “*P. Martyris Anglerii mediolanensis opera*” do próprio Anghiera (1511). As mesmas informações básicas seriam reproduzidas por autores como Bembo (1551, 1556), Cardano (1550), Contile (1574), Gilles (1533), Grynaeus (1532), Lycosthenes (1557), Münster (1552) e Scaliger (1557). Para maiores detalhes, vide Rice (2006) e Teixeira & Papavero (1999, 2002).



Figura 12. Porquinho-da-índia (*Cavia porcellus*) representado nas “Três Crianças Elisabetanas” de autor desconhecido (ca. 1580). Coleção privada.

suas “*simivulpas*” apresentam a notável peculiaridade de ostentarem longas caudas muito próximas daquelas observadas nos autênticos gambás, discrepância curiosa capaz de ser entendida tanto como uma inesperada licença artística quanto uma surpreendente correção fundamentada em alguma fonte ignota⁴⁵. Com efeito, acredita-se que a estampa mais precisa de um *Didelphis* só viria à luz no século XVII através da “*Historia Naturae*” de Juan Eusebio Nieremberg (1635).

DISCUSSÃO

Ao longo do tempo, os minuciosos trabalhos de pintores como Simon de Myle passariam gradativamente à categoria de artigos de luxo ou suntuosos itens de coleção, dignos de apreço sobretudo por suas óbvias qualidades estéticas. Cada vez se faria mais difusa, portanto, a noção de que os numerosos detalhes dessas composições possuíam um caráter descritivo e/ou simbólico regido por princípios não muito distintos daqueles ob-

servados nos mapas ilustrados dos velhos cartógrafos, aqui entendidos como idealizações capazes de se materializar graças à soma da tradição e do senso comum com o conteúdo dos clássicos, os comentários dos doutos e a autoridade de textos consagrados. Como uma imagem do mundo só pode ganhar corpo caso o mundo tenha alguma forma, restaria aos artistas debruçar-se sobre as fontes disponíveis para, pouco a pouco, articular sua versão de diferentes eventos e do próprio universo conhecido. De certa maneira, portanto, a “Arca de Noé sobre o Monte Ararat” surge como um verdadeiro escrínio, no qual as crenças religiosas dividem espaço com os grandes tratados de História Natural, iconografias de terceiros e até mesmo publicações mais populares de conteúdo moral.

Ao incluir animais das Américas na “Arca de Noé”, Simon de Myle segue rigorosamente a palavra da Bíblia e aborda – talvez inadvertidamente – uma das interrogações destinadas a assombrar a Europa no início da Idade Moderna. De fato, com a expansão dos séculos XV e XVI, o Ocidente Cristão terminaria por obter uma visão sem precedentes acerca de terras distantes que haviam sido visitadas por uns poucos aventureiros ou permaneciam nos estritos limites do imaginário. Apesar de abrigarem incríveis fantasias, estes relatos difundiriam a surpreendente realidade de um mundo complexo e varia-

⁴⁵ Entre 1539 e 1553, o viajante italiano Galeotto Cei ressaltaria existirem “certos mapas-múndi antigos” que “pintariam” os gambás “com nenhuma ou pouca cauda”, enquanto ele os “havia visto e segurado na mão pela cauda, longa como a de nossos gatos – ou mais” (Ce, 1992, 1995). Além da “*Carta Marina*” de Martin Waldseemüller, uma versão da mesma figura aparece, por exemplo, em uma das edições de Ptolomeu publicadas por Gaspar Trechsel (1541).

do o suficiente para ultrapassar a mais desvairada das imaginações.

Para muitos, tais descobertas seriam recebidas com absoluto fascínio mas sem maiores sobressaltos, sendo encaradas de forma bastante pragmática como uma oportunidade de alcançar riquezas indizíveis, acumular

poder e ampliar os horizontes das trocas comerciais. Pelo menos nos círculos mais cultivados, entretanto, esse fluxo ininterrupto de novidades terminaria por gerar profundas inquietudes, reforçando indiscretas conjecturas acerca da pluralidade da Criação e dúvidas heréticas sobre a cronologia exposta no Livro Sagrado, criando sérias



Figura 13. Sagüi (*Callithrix jacchus*) representado no “Retrato do Cardeal Antonio Ciochi del Monte” de Sebastiano del Piombo (ca. 1526). National Gallery of Ireland, Dublin.

indagações quanto à verossimilhança e pertinência de diferentes passagens bíblicas.

Considerando as notícias sobre uma crescente multidão de animais sem nada em comum com a fauna conhecida até então, seria realmente possível construir

uma arca grande o suficiente para abrigar a todos? Caso positivo, se estes haviam sido salvos juntos de um “dilúvio universal”, por que tantos ocorriam apenas em determinadas regiões e não em outras? Essa incrível diversidade poderia mesmo ser oriunda de um único local?

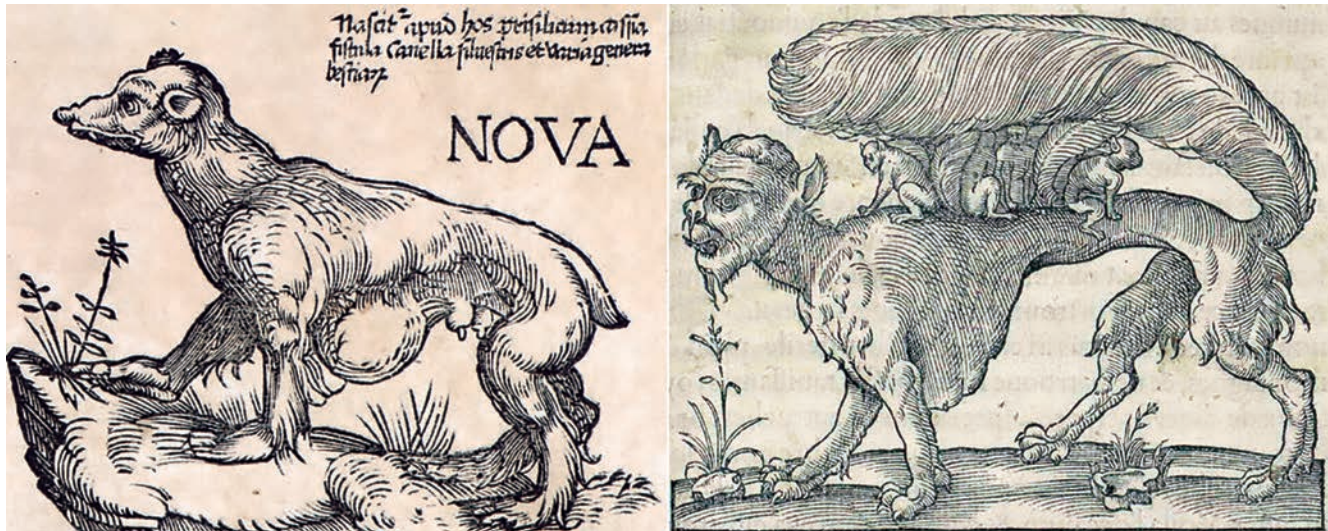


Figura 14. Da esquerda para a direita: a “simulvulpa” retratada na “Carta Marina” de Martin Waldseemüller (1516) e o “su” das “Singularitez de la France Antartique” de André Thevet (1557).



Figura 15. “Adão e Eva no Paraíso”, óleo de autor flamengo desconhecido do século XVII. Oferecido em hasta pública pela Dorotheum, Viena, a 17 de outubro de 2017.

Tal questionamento tornava-se bastante agudo no que tange ao Novo Mundo, pois permanecia sem resposta como os animais – e o próprio homem – teriam chegado a sítios tão distantes separados por oceanos intransponíveis de seu centro de origem e dispersão nas bordas do Mediterrâneo⁴⁶.

A primeira manifestação nesse sentido conhecida até o momento viria da polêmica figura de Amerigo Vespucci, o qual parece ter permanecido bastante atento às discussões mais importantes envolvendo a América. Com efeito, sua carta escrita a Lorenzo di Pier Francesco de' Medici em 1502⁴⁷ não só associa essas terras com os inevitáveis Antípodas, como afirma tratar-se de um continente, uma “quarta parte do mundo” até então desconhecida⁴⁸. Embora pareça fazer uma sutil concessão aos devaneios de Colombo sobre o paraíso terrestre⁴⁹, o viajante florentino mostra-se bastante incisivo sobre a existência de numerosos habitantes ao sul da linha do equador, assunto controverso apesar de todos os testemunhos decorrentes das navegações portuguesas ao longo da costa africana⁵⁰. A mais contundente das sentenças, contudo, afirma que a enorme variedade de animais avistados não caberia na Arca de Noé⁵¹ – um reconhecimento claro da dificuldade em sustentar os ensina-

mentos do cristianismo perante a realidade vivenciada no outro lado do oceano.

Implícito na composição da “Arca de Noé sobre o Monte Ararat”, o incômodo problema criado pela fauna e os habitantes do Novo Mundo exigiria uma solução capaz de conciliar a realidade factual com a verdade revelada pelo livro do Gênesis, penosa tarefa que atravessaria os séculos XVI e XVII. Com efeito, essa seria a questão imanente tanto nas acuradas deduções expostas em 1590 pelo jesuíta Joseph de Acosta, quanto nos comentários de Sir Walter Raleigh sobre o tema datados de 1614. Passados mais de cem anos após a conclusão da pintura de Simon de Myle, tais incertezas continuariam vivas o suficiente para levar o também jesuíta Athanasius Kircher – uma das mentes mais brilhantes da Europa seiscentista – a formular uma fantasiosa e sofisticada teoria exposta em sua “Arca Noe” de 1675⁵².

AGRADECIMENTOS

Nossos agradecimentos a Nelson Papavero (Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo) e a Flavia Galli Tatsch (Departamento de História da Arte, Universidade Federal de São Paulo) pela leitura crítica do original. Cabe reconhecer ainda o auxílio prestado por Elly de Vries na pesquisa das diferentes pinturas trabalhadas.

REFERÊNCIAS

- ⁴⁶ Conforme estabelecido na Bíblia, tanto os animais quanto os homens teriam repovoado a terra a partir do ponto no qual a Arca de Noé teria enclachado após o dilúvio. Segundo a tradição corrente, este seria o Monte Ararat na atual Turquia.
- ⁴⁷ O original desapareceu, mas existem duas cópias de época, uma pertencente à Biblioteca Nazionale Centrale de Florença (Collezione Strozzi, Codice Stroziano Galileiano 292) e outra à Biblioteca Riccardiana de Florença (Codice Vaglietti, manuscrito 1910). A primeira foi descoberta e publicada por Francesco Bartolozzi em 1789, enquanto a segunda viria à luz apenas em 1924 graças às pesquisas de Alberto Magnaghi. Aceito como autêntico pela grande maioria dos autores contemporâneos, esse documento teria sido escrito em Lisboa em data não especificada, que alguns situam como posterior a julho de 1502 e vários outros em setembro ou outubro desse mesmo ano. Para maiores informações, vide Bartolozzi (1789), Formisano (1985, 1986), Hugues (1878 e in Berchet, 1892-1896) e Magnaghi (1924, 1926).
- ⁴⁸ Desde Crates de Malo (ca. 150 a.C.), os filósofos gregos admitiam a ideia de que o próprio equilíbrio natural implicava na presença de um continente ao sul da linha do equador capaz de contrabalançar as terras encontradas ao norte. Na Idade Média, a existência e sobretudo a possibilidade desses “antípodas” serem habitados geraria enorme polêmica devido a complexas questões teológicas. Ao fim, tal hipótese acabaria por ser considerada herética, levando alguns de seus defensores a morrer na fogueira (Kimble, 1938; Moretti, 1994). Embora a vastidão do Novo Mundo logo respaldasse a ideia de um continente, a prova definitiva da separação entre Ásia e América viria apenas na primeira metade do século XVIII.
- ⁴⁹ “Tanto che infra me pensavo esser presso al paradiso teresto infra questi alimenti arei chreduto eser circha ad esso” no original (in Formisano, 2006 e Magnaghi, 1924), frase que talvez contemple as relações cordiais mantidas entre Vespucci e Colombo (teste Arciniegas, 1955; Caraci, 1952). Várias seriam as alusões ao paraíso terrestre feitas pelo almirante genovês, que terminaria por situá-lo nas cabeceiras do Orenoco. Para maiores detalhes, vide Delumenau (1995) e Varela (1982).
- ⁵⁰ Tais discussões derivam da antiga concepção de uma “zona tórrida” incapaz de suportar a vida humana, faixa que se estenderia ao longo da linha equatorial isolando por completo os dois hemisférios. Lançada por Parmênides de Eleia (ca. 530 a.C.) e sustentada por Aristóteles, essa proposta foi bem acolhida pelos religiosos da Idade Média, os quais passariam a rechaçar qualquer possibilidade de haver seres humanos ao sul do equador. De fato, não era possível conceber a existência de povos incapazes de partilhar o milagre da redenção e o segundo advento de Cristo, ou que não fossem descendentes de Adão e da estirpe de Noé. Por ir contra a ortodoxia e especular sobre a presença de habitantes nos antípodas, o médico Petrus Albanus e o astrônomo Cecco d'Ascoli seriam perseguidos e morreriam como hereges na primeira metade do século XIV, enquanto um famoso teólogo espanhol contemporâneo de Colombo – Alonso Fernandez de Madrigal, cognominado “el Tostado” ou “el Abulense” – usaria atacar os adeptos dessa mesma opinião em pleno século XV. Não deve causar surpresa, portanto, que a natureza humana dos nativos do Novo Mundo chegasse a ser contestada e tivesse de ser reafirmada pela bula “*Sublimis Deus*”, emitida pelo papa Paulo III no ano de 1537. Para outras informações, vide Gliozzi (2000), Huddleston (1967), Martínez Terán (2001), Papavero et al. (1995b), Papavero & Teixeira (2003), Prien (2008), Randles (1980) e Wright (1917).
- ⁵¹ “E tanti altri Animali vedemmo, che credo, che a fatica di tante sorti n'entrassero nell' Arca di Noè” no original. Vide Formisano (2006) e Magnaghi (1924).
- ⁵² Vide Acosta (1590), Kircher (1675) e Raleigh (1614). Para maiores detalhes acerca dessas propostas e uma discussão sobre o impacto gerado pela descoberta de América e a natureza do Novo Mundo no pensamento europeu, consulte-se Browne (1983), Elliott (1970), Gerbi (1955, 1975), Glacken (1976), Papavero et al. (2001, 2004) e Teixeira (2001).
- Acosta, J. de. 1590. *Historia Natvral y Moral de las Indias, en qve se tratan de cosas notables del cielo, y elementos, metales, plantas y animales dellas: y los ritos y ceremonias, leyes y gouierno, y guerras de los Indios*. Sevilla, Juan de León.
- Ameghino, F. 1898. *Première Notice sur le Neomyodon listai, un Représentant vivant des anciens Edentés Gravigrades fossiles de l'Argentine*. La Plata, Imprenta de la Libertad.
- Aneau, B. 1549. *Decades de la Description, Forme et Vertv Natvrelle des Animalux, tant raisonnables que Brutz*. Lyon, Balthazar Arnoullet.
- Anghiera, P.M. de. 1511. *P. Martyris Anglerii mediolanensis opera. Legatio Babylonica. Oceani Decas. Poemata. Epigrammata*. Hispali, Jacobum Corumberger.
- Angulo, E.G. 1998. Interpretación biológica acerca de la domesticación del pato criollo (*Cairina moschata*). *Bulletin de l'Institut Français d'Études Andines*, 27(1): 17-40.
- Arciniegas, G. 1955. *Amerigo y el Nuevo Mondo*. México DC, Editorial Hermes.
- Armas y Céspedes, J.I. de. 1888. *La Zoología de Colón y de los primeros exploradores de América*. Habana, Establecimiento Tipográfico.
- Bartolozzi, F. 1789. *Ricerche storico-critiche circa alle scoperte d'Amerigo Vespucci con l'aggiunta di una relazione del medesimo fin ora inedita*. Firenze, Gaetano Cambiagi.
- Bedini, S.A. 1981. The papal pachyderms. *Proceedings of the American Philosophical Society*, Washington, 125(2): 75-90.
- Bedini, S.A. 1998. *The Pope's elephant*. Nashville, J.S. Sanders.
- Belleforest, F. de. 1575. *La Cosmographie Universelle de tout le monde*. Paris, Michel Sonnius.

- Belon, P. 1553. *Les observations de plvsievs singlaritez et choses memorables, trouuées en Grece, Asie, Iudée, Egypte, Arabie, & autres pays estranges, redigées en trois liures Par Pierre Belon du Mans*. Paris, Guillaume Cauellat.
- Belon, P. 1555. *L'histoire de la nature des oyseaux avec levr descriptions & naïfs portraits retirez dv natvrel*. Paris, Gilles Corrozet.
- Bembo, P. 1551. *Petrus Bembus Cardinalis Historiae Venetae Libri XII*. Venetiis, Aldi Filios.
- Bembo, P. 1556. *L'Histoire dv Noveav Monde Descouvert par les Portugalois, écrite par le seigneur Pierre Bembo*. Paris, Estienne Denyse.
- Berchet, G. 1892-1896. *Raccolta di documenti e studi. Fonti italiane per la storia della scoperta dei Nuovo Mondo*. Roma, Ministero della Publica Istruzione, Comissione Colombiana pel quarto centenario dalla scoperta dell'America.
- Browne, J. 1983. *The Secular Ark: studies in the history of biogeography*. New Haven, Yale University Press.
- Cabrera, A. 1953. *Los roedores argentinos de la familia Caviidae*. Buenos Aires, Universidad de Buenos Aires.
- Caius, J. 1570. *De Rariorum Animalium atque Stirpium Historia*. Londini, William Seres.
- Caraci, G. 1952. A propósito de Amerigo Vespucci. *Revista de História*, São Paulo, 5(11): 189-194.
- Cardano, G. 1550. *De Svbtilitate Libri XXI*. Norimbergae, Joh[annes] Petreium.
- Cardoso, A. 1915. El fabuloso "su" o "sugarath" y los primitivos retratos de los didelfideos. *Anales del Museo Nacional de Historia Natural de Buenos Aires*, Buenos Aires, 27: 431-439.
- Casamiquela, R.M. 1975. Nota sobre la dispersión, en época histórica, de algunos mamíferos en el ámbito pampeano-patagónico. *Relaciones*, Buenos Aires, 9: 111-117.
- Cei, G. 1992. *Viaggio e relazione delle Indie (1539-1553)*. Roma, Bulzone Editore.
- Cei, G. 1995. *Viaje y descripción de las Indias 1539-1553*. Caracas, Fundacion Banco Venezolano de Credito.
- Cepeda, F.N. 1682. *Idea de el buen pastor*. Leon, Costa Anisson y Posuel.
- Chambon, G. 2016. Les animaux mis en scène dans la peinture aux XVIe et XVIIe siècles: entre mythologie et zoologie. *Debat Art Figuration*. Disponível em: <http://art-figuration.blogspot.com/2016>. Acesso: 10/11/2018.
- Clarke, T.H. 1986. *The rhinoceros from Dürer to Stubbs 1515-1799*. London, Sotheby's Publications.
- Clutton-Brock, J. 1981. *Domesticated animals from early times*. Austin, University of Texas Press.
- Clutton-Brock, J. 2012. *Animals as domesticates: a World view through History*. East Lansing, Michigan State University Press.
- Colombo, F. 1571. *Historie Del S.D. Fernando Colombo; Nelle qualli s'ha particolare, & vera relatione della vita, & de' fatti del Ammiraglio D. Christophoro Colombo, suo padre*. Venetia, Francesco de Franceschi Sanese.
- Contile, L. 1574. *Ragionamento*. Pavia, Girolamo Bartoli.
- Corrozet, G. 1542. *Les fables dv tresancien Esope phrigien premierement escriptes en Graec, & depuis mises en Rithme Françoise*. Paris, Denis lanot.
- Costa, A.F. da. 1937. *Deambulações da ganda de Modafar, Rei de Cambaia, de 1514 a 1516*. Lisboa, Agência Geral das Colónias.
- Crawford, R.D. 1990. Origin and history of poultry species. In: Crawford, R.D. (Ed.). *Poultry breeding and genetics*. Amsterdam, Elsevier. p. 1-42.
- Crawford, R.D. 1992. Introduction to Europe and diffusion of the domesticated turkeys from America. *Archivos de Zootecnia*, Córdoba, 41(extra): 307-314.
- De Bry, T. 1630. *Vierzenhender Theil Americanischer Historien ...* Franckfurt am Mayn, Matthaeum Merian.
- De Bry, T. 1634. *Decima Tertia Pars Historiae Americanae ...* Francofvrti ad Moenvm, Mathaei Meriani.
- Delaunay, P. 1962. *La zoologie au seizième siècle*. Paris, Hermann.
- Delumenau, J. 1995. *Une histoire du Paradis*. Paris, Librairie Arthème Fayard. Vol. 2: Mille ans de bonheur.
- Dickerson, V. 1998. *Drawn from life: science and art in the portrayal of the New World*. Toronto, Toronto University Press.
- Dijk, J. van & Silkens, B. 2013. The first archeological find of a guinea pig in the Netherlands. In: Raemaekers, D.C.M.; Esser, E.; Lauwerier, R.C.G.M. & Zeiler, J.T. (Ed.). *A bouquet of archaeozoological studies. Essays in honour of Wietske Prummel*. Eelde, Barkhuis. p. 188-194.
- Disdier, M. de C. 1960. Los pavos. In: Martinez del Rio, P. (Org.). *Homenaje a Rafael García Granados*. México DF, Instituto Nacional de Antropologia e Historia. p. 89-111.
- Donkin, R.A. 1989. *The Muscovy Duck, Cairina moschata domestica: origins, dispersal, and associated aspects of the geography of domestication*. Rotterdam, A.A. Balkema.
- Eastman, C.R. 1915a. Beginnings of Natural History. *American Museum Journal*, New York, 15(7): 349-355.
- Eastman, C.R. 1915b. Early portrayals of the opossum. *The American Naturalist*, New York, 49(586): 585-594.
- Eberhart, G.M. 2002. *Mysterious creatures: a guide to Cryptozoology*. Santa Barbara, ABC-CLIO.
- Egmond, F. 2013. A collection within a collection. Rediscovered animal drawings from the collections of Conrad Gessner and Feliz Platter. *Journal of the History of Collections*, Oxford, 25(2): 149-170.
- Egmond, F. & Vorderbermeier, G.M. 2018. *Conrad Gessners "Thierbuch": die originalzeichnungen*. Darmstad, WBG Edition.
- Ehrmann, J. 1972. Artistes franco-flamands de l'école de Fontainebleau et actes notariaux sur la famille d'Antoine Caron. *Bulletin de la Société de l'Histoire de l'Art Français*, Paris, 3: 63-77.
- Eiche, S. 2004. *Presenting the turkey: the fabulous story of a flamboyant and flavourful bird*. Firenze, Centro Di.
- Elliott, J.H. 1970. *The Old World and the New*. Cambridge, Cambridge University Press.
- Enciso, M.F. de. 1519. *Suma de Geographia q̄ trata de todas las partidas y prouincias del mundo: en especial de las indias*. Seuilla, Jacobo Cröberger.
- Formisano, L. (Org.). 1985. *Amerigo Vespucci: lettere di viaggio*. Milano, Arnoldo Mondatori Editori.
- Formisano, L. (Org.). 1986. *Amerigo Vespucci: cartas de viaje*. Madrid, Alianza Editorial.
- Formisano, L. (Org.). 2006. *Iddio ci dia buon viaggio e guadagno*. Firenze, Biblioteca Riccardiana, ms. 1910 (Codice Vaglietti). Firenze, Edizioni Polistampa.
- Gerbi, A. 1955. *La disputa del Nuovo Mondo. Storia di una polemica: 1750-1900*. Milano & Napoli, Riccardo Ricciardi.
- Gerbi, A. 1975. *La natura delle Indie nove (Da Cristoforo Colombo a Gonzalo Fernández de Oviedo)*. Milano & Napoli, Riccardo Ricciardi.
- Germ, M. 2017. Aesop's Fables in disguise: a creative interpretation of Gheeraerts's illustrations for *De warachtighe fabulen der dieren* in two early publications by Johann Weichard Valvasor. *Etudes Epistémè* 31. Disponível em: <http://doi.org/10.4000/episteme.1697>. Acesso: 14/01/2019.
- Gesner, C. 1551. *Historiae Animalium Lib[er] I. de Quadrupedibus uiuiparis*. Tigvri, Christ[ophorum] Froschoverum.
- Gesner, C. 1553. *Icones animalivm qvadrupedum vivparorvm et oviparorvm, qvae in Historia Animalivm Conradi Gesneri describvntvr, cvm nomenclatvris singlvorum latinis, graecis, italicis, gallicis et germanicis plvrnqvq, et aliarvm qvoqvq lingvarum, certis ordines digestae*. Tigvri, C[hristophorum] Froschoverus.
- Gesner, C. 1554. *Historiae Animalium Liber II. de Quadrupedibus ouiparis*. Tigvri, C[hristophorum] Froschoverus.

- Gesner, C. 1555a. *Historiae Animalium Liber III. qui est de Avium natura*. Tigvri, Christoph[orum] Froschoverum.
- Gesner, C. 1555b. *Icones avium omnium, quae in Historia Avium Conradi Gesneri describuntur, cum nomenclaturis singulorum latinis, italicis, gallicis et germanicis plerumque, per certos ordines digestae*. Tigvri, C[hristophorum] Froschoverus.
- Gesner, C. [1556]. *De piscibus et aqvatilibus omnibus libelli III. Noui*. Tigvri, Andream Gesnerivm.
- Gesner, C. 1558. *Historiae Animalium Liber IIII. qui est de Piscium & Aquatiliu animalium natura*. Tigvri, Christoph[orum] Froschoverum.
- Gesner, C. 1560a. *Icones animalium quadrupedum viviparorum et oviparorum, quae in Historia Animalium Conradi Gesneri describuntur, cum nomenclaturis singulorum latinis, italicis, gallicis et germanicis plerumque, per certos ordines digestae*. Tigvri, C[hristophorum] Froschoverus.
- Gesner, C. 1560b. *Icones avium omnium, quae in Historia Avium Conradi Gesneri describuntur, cum nomenclaturis singulorum latinis, italicis, gallicis et germanicis plerumque, per certos ordines digestae*. Tigvri, C[hristophorum] Froschoverus.
- Gesner, C. 1560c. *Nomenclator aqvatilium animalium. Icones Animalium aqvatilium in mari & dulcibus aquis degentium, plus quam DCC. cum nomenclaturis singulorum Latinis, Grecis, Italicis, Hispanicis, Gallicis, Germanicis, Anglicis, alijsq; interdum, per certos ordines digestae*. Tigvri, Christop[horum] Froschoverus.
- Gesner, C. 1583. *Thierbuch, Das ist ein kurtze Beschreybung aller vierfüßigen Thieren, so auff der erden vñ in wassern wonend, sampt jrer waren conterfactur: alles zu nutz vñ gutem allen liebhabern der Künsten, Artzeten, Maleren, Bildschnitzern, Weydleüten vnd Köchen gestellt*. Zürich, Christoffel Froschouer.
- Gesner, C. 1620. *Historiae Animalium, Liber Primus. De Quadrupedibus viviparis*. Francoforti, Bibliopolio Henrici Laurentii.
- Gheeraerts, M. 1567. *De Warachtighe Fabulen der Dieren*. Brugghe, Pieter de Clerck.
- Gilles, P. 1533. *Ex Aeliani Historia*. Lvgdvni, Seb. Gryphivm.
- Glacken, C.J. 1976. *Traces on the Rhodian Shore: nature and culture in Western thought from Ancient Times to the end of the eighteenth century*. Berkeley, University of California Press.
- Gliozzi, G. 2000. *Adam et le Nouveau Monde: la naissance de l'anthropologie comme idéologie coloniale – des généalogies bibliques aux théories raciales (1500-1700)*. Paris, Thétète Éditions.
- Gorgas, M. 1997. Animal trade between India and western Eurasia in the sixteenth century – the role of the Fuggers in animal trading. In: Mathew, K.S. (Org.). *Indo-Portuguese trade and the Fuggers of Germany: sixteenth century*. New Delhi, Manohar Publishers. p. 195-225.
- Gorgas, M. & Schweinberger, W. 1986. *Tiere, Kaiser, Anekdoten. Von Fuggers Maenagerie zum Großstadtzoo*. Gersthofen, Vindelica-Verlag.
- Grigson, C. 2016. *Menagerie; the history of exotic animals in England 1100-1837*. Oxford, Oxford University Press.
- Grynaeus, S. 1532. *Novus Orbis Regionum nunc ac Insularum veteribus incognitarum, una cum tabula cosmographica, & aliquot alijs consimilis argumenti libellis, quorum omnium catalogus sequenti petebit pagina*. Basiliae, Io. Hervagium.
- Guevara, J. 1882. *Historia de la conquista del Paraguay, Río de la Plata y Tucumán*. Buenos Aires, S. Ostwald.
- Hamilton-Dyer, S. 2009. Animal bones. In: Dury, P. & Simpson, R. (Ed.). *Hill Hall: a singular house devised by a Tudor intellectual*. London, The Society of Antiquaries of London. p. 345-351.
- Hartman, C.G. 1952. *Possums*. Austin, University of Texas Press.
- Hendrix, M.L. 1984. *Joris Hoefnagel and the "Four Elements": a study in sixteenth-century nature painting*. Ann Arbor, Tese (Doutorado) – Department of Art and Archeology, Princeton University.
- Huddleston, L.E. 1967. *Origins of the American Indians: European concepts, 1492-1729*. Austin, University of Texas Press.
- Hugues, L. 1878. *Il terzo viaggio di Amerigo Vespucci*. Firenze, Tipografia della Gazzetta d'Italia.
- Jacquot, D.; Lavallée, M. & Marcle, C. (Org.). 2009. *Peinture flamandes et hollandaise, XV^e-XVIII^e siècle: collection du Musée des Beaux-Arts*. Strasbourg, Musées de la Ville de Strasbourg.
- Johns, A.M. 2017. *The richness of food: a zooarchaeological analysis of Huaca Santa Clara and Huaca Gallinazo, north coast of Peru*. Ontario, Tese (Mestrado) – Graduate Program in Anthropology, The University of Western Ontario.
- Kellenbenz, H. 1990. *Die Fugger in Spanien und Portugal bis 1560. Ein Großunternehmen des 16. Jahrhunderts*. Munich, Ernst Vögel.
- Kimble, G.H.T., 1938. *Geography in the Middle Ages*. London, Methuen & Co.
- Kimura, B.; Lefebvre, M.J.; Defrance, S.D.; Knodel, H.I.; Turner, M.S.; Fitzsimmons, N.S.; Fitzpatrick, S.M. & Mulligan, C.J. 2016. Origin of the pre-Columbian guinea pigs from Caribbean archeological sites revealed through genetic analysis. *Journal of Archaeological Sciences*, London, 5: 442-452.
- Kircher, A. 1675. *Arca Noë in tres libros digesta*. Amstelodami, Joannes Janssonium.
- Koppenol, J. 2007. Noah's ark disembarked in Holland: animals in Dutch poetry, 1550-1700. In: Enenkel, K.A.E. & Smith, P.J. (Org.). *Early Modern Zoology: the construction of animals in science, literature and the visual arts*. Leiden, Brill. p. 451-528.
- Kusukawa, S. 2010. The sources of Gesner's pictures for the *Historia animalium*. *Annals of Science*, London, 67(3): 303-328.
- Lach, D.E. 1970. *Asia in the making of Europe*. Chicago, University of Chicago Press. Vol. 2: A century of wonder. Book 1 – The visual arts.
- Lambert, E. 2015. New Worlds, new images: picturing the Resurrection of the Body in sixteenth-century German. In: Eusterschulte, A. & Wälzholz, H. (Ed.). *Anthropological reformations – Anthropology in the era of Reformation*. Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht. p. 533-540.
- Latham, R.E. 1922. *Los animales domésticos de la America Precolombiana*. Santiago de Chile, Museo de Antropología y Antropología.
- Lay, Y., 2018. Domesticating the global and materializing the unknown: a study of the *Album of Beasts* at the Qianlong Court. In: Grasskamp, A. & Juneja, M. (Ed.). *China, Europe, and the transcultural object, 1600-1800*. Cham, Springer. p. 125-174.
- Lery, J. de. 1578. *Histoire d'un voyage fait en la terre du Bresil, avtrement dite Amerique*. La Rochelle, Antoine Chuppin.
- Letard, E. 1950. Origine des oiseaux domestiques. In: Grassé, P.P. (Org.). *Traité de Zoologie*. Paris, Masson et Cie. Vol. 15: Oiseaux, p. 1100-1120.
- Ley, W. 1941. *The lungfish, the dodo, and the unicorn*. New York, Viking Press.
- Loisel, G. 1912. *Histoire des ménageries de l'Antiquité à nous jours*. Paris, Octave Doin & Henri Laurens.
- López de Gómara, F. 1552. *Primera y Segunda parte de la Historia General de las Indias con todo el descubrimiento y cosas notables que han acaecido desde que ganaron ata el año de 1551*. Çaragoça, Augustin Millan.
- Lownie, H. 1977. Research problems regarding the domestication of South American mammals. In: Brothwell, D.R.; Thomas, K.D. & Clutton-Brock, J. (Ed.). *Research problems in Zooarcheology*. London, University of London. p. 113-121.
- Lozano, P. 1745. *Historia de la conquista del Paraguay, Río de la Plata y Tucumán*. Buenos Aires, Biblioteca del Río de la Plata.
- Lycosthenes, C. 1557. *Prodigiorum ac Ostentorum Chronicon*. Basileae, Henricvm Petri.
- Magnaghi, A. 1924. *Amerigo Vespucci: studio critico, con speciale riguardo ad una nuova valutazione delle fonti, accompagnato dai documenti non ancora pubblicati del Codice Vaglianti (Riccardiano 1910)*. Rome, Istituto Cristoforo Colombo.

- Magnaghi, A. 1926. *Amerigo Vespucci: studio critico, con speciale riguardo ad una nuova valutazione delle fonti, accompagnato dai documenti non ancora pubblicati del Codice Vaglianti (Riccardiano 1910). Nuova edizione emendata e accresciuta, corredata della riproduzione di 6 carte sincrone delle prime scoperte americane.* Rome, Fratelli Treves.
- Mahiques, R. (Ed.). 1988. *Empresas sacras de Núñez de Cepeda.* Madrid, Tuero.
- Marshall, L.G. 1981. The families and genera of Marsupialia. *Fieldiana Geology (New Series)*, Chicago, 8: 1-65.
- Martinez Terán, T. 2001. *Los Antipodas: el origen de los indios en la razón política del siglo XVI.* Puebla, Instituto de Ciencias Sociales y Humanidades.
- Martinic, M. 1996. La cueva del Milodon: historia de los hallazgos y otros sucesos. Relacion de los estudios realizados a lo largo de un siglo (1895-1995). *Anales del Instituto de la Patagonia (Serie Ciencias Humanas)*, Punta Arenas, 24: 43-80.
- Masseti, M.M.G. 2016. Carpaccio's parrots and the early trade in exotic birds between the West Pacific islands and Europe. *Museologia Scientifica e Naturalistica*, Ferrara, 12(1): 259-266.
- Meadow, M.A. 2002. Merchants and marvels: Hans Jacob Fugger and the origins of the Wunderkammer. In: Smith, P.H. & Findlen, P. (Ed.). *Merchants & marvels: commerce, science, and art in early Modern Europe.* New York, Routledge. p. 182-200.
- [Montalboddo, F. da.] 1507. *Paesi nouamente retrouati. Et Nouo Mondo da Alberico Vespuccio Florentino intitulado.* Vicentia, Henrico Vicentino.
- Morales, E. 1995. *The guinea pig: healing, food, and ritual in the Andes.* Tucson, University of Arizona Press.
- Moretti, G. 1994. The Other World and the "Antipodes": The myth of the unknown countries between Antiquity and the Renaissance. In: W. Haase & M. Reinhold (Ed.). *The Classical Tradition and the Americas.* Berlin, Walter de Gruyter. Vol. 1: European images of the Americas and the Classical Tradition, p. 241-284.
- Müller-Haye, B. 1984. Guinea-pig or cuy. In: Mason, I.L. (Ed.). *Evolution of domesticated animals.* London, Longman. p. 252-257.
- Muñoz, L. 1970. *Historia natural de conejillo de Indias: cuy, curí, cobayo, con un capitulo adicional sobre los productos de la América tropical para el mundo.* Cauca, Talleres Editoriales del Departamento Popayan.
- Münster, S. 1552. *Cosmographiae uniuersalis Lib[ri] VI. in quibus, iuxta certioris fidei scriptorum traditionem describuntur.* Basileae, Henrichvm Petri.
- Navarette, M.F. de. 1858. *Coleccion de los Viages y Descubrimientos que hicieron por mar los Españoles desde fines del siglo XV, con varios documentos inéditos concernientes á la historia de la Marina Castellana y de los Establecimientos Españoles en Indias.* Madrid, Imprenta Real. Vol. 1: Viajes de Colón, Almirantazgo de Castilla.
- Nieremberg, J.E. 1635. *Historia Natvrae, maxime peregrinae, Libris XVI. distincta.* Antverpiae, Balthasaris Moreti.
- Noppen, I.J. 2002. Families Van der Mijl: Stammen of takken? *Gens Nostra*, Bunnik, 57(7/8): 346-358.
- O'Connor, T. 2017. Animals in urban life in Medieval to early Modern England. In: Albarella, U.; Rizzetto, M.; Russ, H.; Vickers, K. & Viner-Daniels, S. (Ed.). *The Oxford handbook of zooarchaeology.* Oxford, Oxford University Press. p. 214-229.
- Oviedo y Valdés, G.F. de. 1851-1855. *Historia General y Natural de las Indias, Islas y Tierra-Firme del Mar Océano.* Madrid, Imprenta de la Real Academia de Historia.
- Papavero, N. & Teixeira, D.M. 2003. Os viajantes e a biogeografia. In: Morrone, J.J. & Bousquets, J.L. (Ed.). *Una perspectiva latinoamericana de la biogeografía.* México DF, Universidad Nacional Autónoma de México. p. 1-8.
- Papavero, N.; Llorente-Bousquets, J. & Espinosa-Organista, D. 1995a. *Historia de la Biología Comparada, desde el Génesis hasta el siglo de las luces.* México DF, Universidad Nacional Autónoma de México. Vol. 1: Del Génesis a la caída del Imperio Romano de Occidente.
- Papavero, N.; Llorente-Bousquets, J. & Espinosa-Organista, D. 1995b. *Historia de la Biología Comparada, desde el Génesis hasta el siglo de las luces.* México DF, Universidad Nacional Autónoma de México. Vol. 3: De Nicolás de Cusa a Francis Bacon (1493-1634).
- Papavero, N.; Teixeira, D.M.; Llorente-Bousquets, J. & Hernández, A.B. 2004. *Historia de la Biogeografía.* México DF, Fondo de Cultura Económica. Vol. 1: El periodo preevolutivo.
- Papavero, N.; Pujol-Luz, J.R. & Llorente-Bousquets, J. 2001. *Historia de la Biología Comparada.* México DF, Universidad Nacional Autónoma de México. Vol. 4: De Descartes a Leibniz (1628-1716).
- Paré, A. 1579. *Les Oeuvres d'Ambroise Paré, Conseiller, et Premier Chirvrgien du Roy.* Paris, Gabriel Buon.
- Pigière, F.; Van Neer, W.; Ansieau, C. & Denis, M. 2012. New archaeozoological evidence for the introduction of the guinea pig to Europe. *Journal of Archaeological Science*, London, 39(4): 1020-1024.
- Prien, H.J. 2008. Sublimis Deus. In: Fahlbusch, E.; Lochman, J.M.; Mbiti, J.; Pelikan, J.; Vischer, L.; Bromiley, G.W. & Barret, D.B. (Ed.). *Encyclopedia Christianity.* Grand Rapids & Leiden, Eerdmans Publishing & Brill. Vol. 5: Si to Z, p. 211-212.
- Raleigh, W. 1614. *The History of the World.* London, Walter Bvrre.
- Ramírez-Chaves, H.E.; Ortega-Rincón, M.; Pérez, W.A. & Marín, D. 2011. Historia de las especies de mamíferos exóticos en Colombia. *Boletín Científico del Museo de Historia Natural*, Caldas, 15(2): 139-156.
- Randles, W.G.L. 1980. *De la terre plate au globe terrestre: une mutation épistémologique rapide (1480-1520).* Paris, Librairie Armand Colin.
- Reitz, E. & Wing, E. 1999. *Zooarchaeology.* Cambridge, Cambridge University Press.
- Rice, L. 2006. Villamena's Kangaroo. In: Celenza, C.S. & Gouwens, R.G. (Ed.). *Humanism and creativity in Renaissance.* Leiden, Brill. p. 381-398.
- Rikken, M.E. 2016. *Dieren verbeeld. Diervoorstellingen in tekeningen, prenten en schilderijen door kunstenaars uit de Zuidelijke Nederlanden tussen 1550 en 1630.* Leiden, Tese (Doutorado) – Center of the Arts in Society, Universiteit Leiden.
- Rofes, J. 2002. Prehispanic guinea pig sacrifices in southern Perú: the case of El Yaral. In: O'Day, S.J.; Van Neer, W. & Ervynck, A. (Ed.). *Behaviour behind bones: the zooarchaeology of ritual, religion, status, and identity.* Oxford, Oxford Books. p. 95-100.
- Roland, F.J.S. 2015. Jorobas, cuellos largos y fantasías: la leyenda de "Nahuelito", la bestia lacustre del Nahuel Huapi. *La Razón Histórica*, 31: 64-90. Disponível em: <https://www.revistalarazonhistorica.com/31-7>. Acesso: 20/06/2019.
- Rookmaaker, L.C. 1973. Captive rhinoceroses in Europe from 1500 until 1810. *Bijdragen tot de Dierkunde*, Amsterdam 43(1): 39-63.
- Rookmaaker, L.C. 1998. *The rhinoceros in captivity: a list of 2439 rhinoceroses kept from Roman times to 1994.* The Hague, SPB Academic Publishing.
- Scaliger, J.C. 1557. *Exotericarvm Exercitationvm Liber Qvintvs Decimvs, De Svbtilitate ad Hieronymvm Cardanus.* Lvtetiae, Michaelis Vasconsani.
- Schmidt, M. 1929. *Kunst und Kultur von Peru.* Berlin, Propyläen Verlag.
- Schorger, A.W. 1966. *The wild turkey: its history and domestication.* Norman, University of Oklahoma Press.
- Schott, G. 1662. *Physica Curiosa, sive Mirabilia Naturae et Artis.* Herbipoli, Johannis Andreae Endteri et Wolff.
- Serres, O. 1600. *Theatre d'Agricvltvre et Mesnage des Champs.* Paris, Jamet Metayer.
- Sick, H. 1984. Brasilianischer Ara 1502/03 in Europa gemalt. *Journal für Ornithologie*, Berlin, 125(4): 479-481.
- Smith, P.J. 2007. On toucans and hornbills: readings in early modern ornithology from Belon to Buffon. In: Enekel, K.A.E. & Smith, P.J. (Ed.). *Early Modern Zoology. The Construction of Animals in Science, Literature and the Visual Arts.* Leiden, Brill. p. 75-117.

- Smith, P.J. 2018a. Deux recueils d'illustrations ornithologiques: les *Icones Avium* (1555 et 1560) de Conrad Gessner et les *Portraits d'oyseaux* (1557) de Pierre Belon. In: Garrod, R. & Smith, P.J. (Ed.). *Natural History in early modern France. The poetics of an epistemic genre*. Leiden, Brill. p. 18-45.
- Smith, P.J. 2018b. Art et science: le défilé des animaux dans *L'Arche de Noé sur le Mont Ararat*, peinture de Simon de Myle (1570). In: De Gendt, A.M. & Montoya, A.C. (Ed.). *La pensée sérielle, du Moyen Age aux Lumières*. Leiden, Brill. p. 194-217.
- Sotheby's. 2011. *Tableaux et Dessins Anciens et du XIX^e siècle. Paris 23 Juin 2011*. Paris, Sotheby's.
- Stahl, P.W. 2008. Animal domestication in South America. In: Silverman, H. & Isbell, W.H. (Ed.). *Handbook of South American Archaeology*. New York, Springer. p. 121-130.
- Teixeira, D.M. 2001. Los animales del "Arca de Noé" Athanasius Kircher (1675). In: Papavero, N.; Pujol-Luz, J.R. & Bousquets, J.L., *Historia de la Biología Comparada*. México DF, Universidad Nacional Autónoma de México. Vol. 4: De Descartes a Leibniz (1628-1716), p. 153-219.
- Teixeira, D.M. 2002. A "Alegoria dos Continentes" de Jan van Kessel "o Velho": uma visão seiscentista da fauna dos quatro cantos do mundo. In: *Brasil Holandês*. [Petrópolis], Editora Index. Vol. 3, p. 1-143.
- Teixeira, D.M. 2011. Le commerce d'animaux dans le Brésil coloniale. In: Stols, E. (Org.). *Terra Brasilis*. Bruxelles, Europalia & Ludion. p. 68-85.
- Teixeira, D.M. & Papavero, N. 1999. The problem of marsupial reproduction: a brief historical review. *Historia Naturalis*, Seropédica, 2: 285-303.
- Teixeira, D.M. & Papavero, N. 2002. A viagem de Vicente Yáñez Pinzón (1499-1500) e o primeiro relato sobre a História Natural do Brasil, segundo as "Décadas" de Pietro Martire de Anghiera. *Publicações Avulsas do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, 93: 1-48.
- Teixeira, D.M. & Papavero, N. 2010. O tráfico de primatas brasileiros nos séculos XVI e XVII. In: Pessôa, L.M.; Tavares W.C. & Siciliano S. (Org.). *Mamíferos de restingas e manguezais do Brasil*. Rio de Janeiro, Sociedade Brasileira de Mastozoologia & Museu Nacional, UFRJ. p. 253-282.
- Teixeira, D.M. & Papavero, N. 2014. Os animais do Brasil nas obras de Pierre Belon (1517-1564). *Arquivos de Zoologia*, São Paulo, 45(2/3): 45-94.
- Thevet, A. 1557. *Les singularitez de la France Antarctique, avtrement nommée Amerique: & de plusieurs Terres & Isles decouvertes de nostre temps*. Paris, Chez les heritiers de Maurice de la Porte.
- Thevet, A. 1575. *La Cosmographie Vniverselle d'André Thevet Cosmographe dv Roy. Illustree de diverses figvres des choses plvs remarquables vevës par l'Autheur, & incogneuës de noz Anciens & Modernes*. Paris, Guillaume Chaudiere.
- Topsell, E. 1607. *The Historie of Fovre-Footed Beastes*. London, William Iaggard.
- Trechsel, G. 1541. *Claudii Ptolemaei Alexandrini Geographicae Enarrationis Libri Octo*. Lugdunum, Hugonem à Porta.
- [Trevigiano, A.] 1504. *Libretto de Tutta la Nauigazione de Re de Spagna de le Isole et Terreni Nouamente Trouati*. Venesia, Albertino Vercellese da Lisona.
- Tudela de la Ordem, J. 1993. *Historia de la ganaderia hispanoamericana*. Madrid, Ediciones de Cultura Hispánica.
- Varela, C. (Ed.). 1982. *Cristóbal Colón. Textos y documentos completos. Relaciones de viajes, cartas y memoriales*. Madrid, Alianza Editorial.
- Weir, B.J. 1974. Notes on the origin of the domestic guinea pig. In: Rowlands, I.W. & Weir, B.J. (Ed.). *The biology of hystricomorph rodents*. London, Zoological Society of London. p. 437-466.
- Wendt, H. 1956. *Auf Noahs Spuren: die Entdeckung der Tiere*. Hamm, C. Grote.
- Williams, D. 2013. El Su o Succarath de la Patagonia: su representación original por Thevet (1557 y 1575), las modificaciones de su imagen en el tiempo y por diferentes autores, y una aproximación a la identificación del animal y a la etimología de su nombre. In: Congreso de Historia Social y Política de la Patagonia Argentino-Chilena, 9, 2011, Trevelin. *Menu ... Trevelin*, Secretaria de Cultura de la Provincia de Chubut. p. 380-394.
- Wing, E. 1977. Animal domestication in the Andes. In: Reed, C.A. (Ed.). *Origins of Agriculture*. The Hague, Mouton. p. 837-859.
- Wright, H.F. 1917. Origin of the American Aborigines: a famous controversy. *The Catholic Historical Review*, Washington DC, 3(3): 257-275.
- Yamamoto, D. 2015. *Guinea pig*. London, Reaktion Books.